

Stadium

N.º 330

30 de Março de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Neste número:

SENSACIONAL REPORTAGEM

gráfica do encontro internacional

ESPAÑA-ITALIA

Comentários do dr. Tavares da Silva

FELIX e MANUEL MARQUES

comentam os jogos Portugal-Espanha
através de curiosas entrevistas

Uma página dedicada ao

CLUBE NAVAL DE LISBOA

Reportagem gráfica do

PORTUGAL-ESPAÑA

da Corunha

— Todos os acontecimentos —

ESPAÑA, 1 — ITALIA, 3
Carapellese, o fenómeno, num
estilo modelar, livra-se e passa
Riera, o qual entra à bola com
vigor e decisão

UMA BELA EQUIPA EM GRANDE JOGO

Os espanhóis estão em decadência e continuam a não compreender o futebol moderno

Crónica de TAVARES DA SILVA

(De Madrid, 28 de Março, especial para «Stadium»)

Mazola, perito em manobras

Temos visto em acção na nossa já longa vida de crítico desportivo muitos jogadores de excepcional classe. Mazola alinha no numero dos grandes jogadores que temos visto, surpreendendo nele a sua perfeita arte de manejar o conjunto. Eis um tático consumado, um perito em manobras. O público não deu por ele, interrogando-se: Onde está Mazola? Ora, ele estava lá, mas os espanhóis não o sabiam ver. Nos lances de ataque, o seu *dribling* é sobrio e na justa medida, a sua *passagem* de magnífica precisão e oportunidade. O primeiro golo foi gerado por ele, num desses passes de visão própria dos homens de excepcional classe. Mazola, porém, não se limita a jogar bem no ataque. Desce à defesa, mesmo à área da grande penalidade, com muita frequência, permitindo que a defesa e o médio do seu lado progridam confiadamente no terreno. E aí ele defende, e tras muda o ritmo para o ataque, ligando, coordenando e orientando.

A equipa italiana assentará, então, em Mazola? Este é uma espécie de fulcro, a pedra fundamental, mas seria injustiça não caracterizar a equipa pelo seu grande sentido e harmonia.

Harmonia, da defesa ao ataque

No *team* italiano não há desníveis, altos e baixos, tímidos e valentes, bons e maus jogadores. São todos bons, todos iguais, todos acima da vulgaridade e atingindo um nível elevado, acima dos 16 valores. Isto, da defesa ao ataque, uma das maneiras de ver o grupo, ou do ataque à defesa, o que vem a dar na mesma. Simplesmente, porque o jogo converge para marcar bolas e pela própria função do ataque, este sector é o que dá, ou deu mais nas vistas.

A ideia-mater do conjunto vive arregaçada na *quadra azurra* que, na sua movimentação geral e na pormenorização em que se desdobram esses movimentos, a torna bem patente: o fio de ligação orienta o jogo, havendo a impressão de que tudo e todos estão devidamente a postos e nos seus lugares. Assim, o futebol italiano surge-nos extremamente fácil e natural, facilidade que na sua espontaneidade esconde um trabalho persistente e cuidadoso de preparação.

O ataque tornou-se, na verdade, mais notado, além de todas as razões, da própria essência da tarefa, por ter gisado lances brilhantíssimos em que tudo era de admirar: a força e a rapidez, a maneira de executar e a visão da desmarcação por parte de todos.

Na fórmula moderna, cada vez jogando-se mais rápido e fazendo a bola correr mais depressa, to-

dos os cinco avançados, tendo como base um certo lugar ou função, devem conhecer as outras tarefas. Caso contrário, jamais atingirão o *association* de ataque na sua melhor expressão.

Quando os sanlorenzos passaram por Lisboa viu-se uma imagem desse futebol. Agora, aqui, em Madrid, de onde escrevemos, os italianos voltaram a dar-nos as mesmas cenas de domínio de bola, mas talvez menos exagero de *dribling* e desmarcações mais hábeis e perfeitas, pelo menos, de melhor paladar para o nosso gosto. Já no primeiro tempo, os indícios eram bons. Mas na segunda parte, já metidos os espanhóis no bolso, o ballado dos dianteiros não teve uma falha ou uma indecisão. Os avançados desmarcaram-se com incrível rapidez, mostrando-se aptos a todas as funções e ligando metódicamente os seus esforços.

Foi um êxito! Os golos não eram mais do que a consequência dessa forma de agir, e a ideia do conjunto, apesar de bem afirmada, continuava a manter o culto da individualidade. O segundo golo, desse famoso Carapellese, é uma obra notável mas individual: bola captada, e, num esforço diminuto, três *driblings* preciosos e elegantes que acabam em golo!

Tenha-se também em conta que os médios conjugam perfeitamente os seus defesas — uma maravilha onde não se vê um só buraco! — devendo anotar-se que o defensor central faz incursões no terreno, sendo o seu posto ocupado por outro elemento de modo tal que nem se dá pelas aventuras.

Os melhores italianos? — Que difícil!

É difícil, quase impossível, ao queremos destacar ou comparar em valor relativo os elementos italianos, arrancar do fundo da equipa algumas unidades e apontá-las como os melhores. Principalmente no ataque. Todavia, parece-nos que Carapellese tem um lugar à parte. É um portento do jogo, de habilidade e intuição. O estreante Lorenzi, mostrou-se jogador da mais fina escola; e Amadeu talvez haja conquistado o lugar.

Recordando Génova deve dizer-se que este ataque (com dois elementos novos) deu uma autêntica lição, agora, eliminadas algumas fraquezas. O par de médios conservou-se, mas se Annovazzi jogou mais em Génova, Castigliani vingou-se em Chamartin, elevando-se desta feita. Ballarin produziu uma demonstração eloquente de bem jogar à defesa, com o senão de haver feito o 1.º penalti sem necessidade alguma. Rigamont, daqui a meses médico, que jogou dada a perspectiva de futebol violento, esteve muito bem, mas todos dizem, e ele próprio

em conversa o confessou, que Parola lhe é superior. Ricattini, o defensor genovês, vivo e animado, esteve inteiramente à altura da situação. Bacigalupo, no pouco trabalho, revela a necessária segurança. Acabou o jogo com um brilhante: a defesa do 2.º penalti marcado por Gainza tal qual como o 1.º

Também esta defesa, sem a lentidão do corpulento Tognon, verificada em Génova, melhorou imenso, na diferença que separa a lentidão da rapidez em matéria de futebol.

A não-compreensão do Sistema

Os espanhóis depositavam grande confiança neste encontro apontado como o ressurgir e o jogo do seu ambiente e num cenário excelente de entusiasmo. Deve dizer-se que o jogo foi correcto, não se havendo registado violências nem sequer aquelas descortêsias do Jamor. Certamente, os italianos mostraram logo nos primeiros postapés a sua decisão de responder à dureza com dureza ainda mais e de não voltar a cara aos pitons, mas seja com o seja é de assinalar a correcção.

Na primeira parte, decorrida uma fase de vantagem italiana, os espanhóis invadiram à força de sacrifício de ordem física a metade do rectângulo em que vivia a *squadra azurra*, para depois, na segunda parte, se entregarem quase por completo.

O *team* espanhol decepcionou. Quer no ponto de vista de conjunto, quer no aspecto de individualidades está longe de ser uma selecção à altura do passado. Falta-lhe entendimento, fundo e raça. Vendo evoluir os seus jogadores, tem-se a impressão de que eles querem praticar o *jogo de posição* mas não o sabem fazer. As constantes deslocções e viagens a que o sistema obriga são desconhecidas dos seus elementos. Assim, por exemplo, tornando-se deficiente a marcação sucedeu que, em vários golpes, os italianos estiveram à vontade, sem qualquer sombra, podendo evolucionar com perigo evidente. Mas, na defesa, as deficiências de marcação surgem e assumem proporções catastróficas, também o ataque não se destaca nem valoriza. Os interiores não auxiliam a função da defesa, e também não cumprem o que especificamente lhe compete. Onde estão os antigos chutadores de Espanha? A espontaneidade e a força de um remate, que eram tão característicos? O certo é que a linha deanteira não rematou uma só vez em condições de perigo.

Gonzalvo, o gigante!

Saltou-se na equipa espanhola Gonzalvo, um verdadeiro gigante.

Certamente, ele não tem grande consciência do lugar de *medio de ataque*, como o prova a maneira como intervem em alguns lances favorecendo o adversário, mas o seu sentimento de luta recorta a sua bela figura de atleta. Foram para ele todos os olhos dos espanhóis, mercadamente. Elizaguirre distinguiu-se em várias defesas de mérito, mas não está em grande forma. Bem sabemos que é difícil cumprir a guarda-redes quando não se tem a cobertura, e sucede que Aparicio, desastrado e a mexer mal na bola, causa apreensões. Também Lozano foi muito manobrado, salvando-se um pouco Riera. Puchados, com boas jogadas de pormenor, não esteve na linha dos jogadores de eleição. Epi e Gainza acusam os anos. Zorra, em luta com homens tão valentes como ele e muito mais habilidosos, mostrou afeitivamente a falha de domínio de bola. Cesar substituiu Hernandez, e, havendo começado bem não resistiu depois ao desaconchavo colectivo. Silva passou pelo campo, mas o seu espírito estava longo. Hernandez, o melhor jogador, foi substituído.

Salva a arbitragem

Mr. King, o árbitro inglês, de calções e casaco cinzento escuro para não realçar em campo, fez uma arbitragem modelar e conduziu o encontro com mão de mestre, não o deixando descair na dureza demasada e conservando o ritmo de ligação. A destrinça da falta voluntária da involuntária foi admirável: serenidade, justiça e saber. Bem auxiliado pelos juizes de linha, um espanhol e um italiano. A partida disputou-se sempre com bola espanhola, o que está em contradição com as propósitos espanhóis quando estes se deslocam.

A impressão produzida em Espanha não só pelo resultado mas especialmente por virtude da exibição feita, tem qualquer coisa de desolador e esborrecido. Igualmente em Espanha, e um pouco por toda a parte, todos se agarram às velhas figuras e temem as experiências que um dia mais tarde ou mais cedo não deixam de vir. A não ser que não haja jogadores. Será esse o caso de Espanha? Talvez isso, e também um pouco de desconhecimento das manobras em campo.

Espanha — Elizaguirre; Riera; Aparicio e Lozano; Gonzalvo III e Puchados; Epi e Silva, Zorra, Hernandez (2.ª parte Cesar) e Gainza.

Italia — Bacigalupo; Ballarin, Rigamonti e Becattini; Annovazzi e Castigliani; Meni, Lorenzi, Amadei, Mazzola e Carapellese.

A derrota do Sporting na Covilhã

tirou todas as possibilidades ao Boavista

mas os «leões» da Serra e setubalenses continuam em má situação

ESTAMOS preparados para todas as surpresas. Até para esta de ver o Sporting derrotado na Covilhã. E derrotado por 5-2. Não vale a pena perder-se o crítico em considerações de qualquer espécie sobre o resultado.

O nosso camarada e amigo Lanch Moreira disse no domingo, ao referir-se ao jogo, no Rádio Clube: «há coisas que não conseguimos compreender». Pois nós também não. E por isso mesmo, antes queremos passar adiante.

Depois da atômica surpresa da Covilhã, atômica pelos números, especialmente, só a vitória dos setubalenses sobre o Estoril tem certa importância. Primeiro porque os sadinos se afastam bastante do último lugar; depois porque o Estoril cedeu o seu posto ao F. C. do Porto.

Há ainda duas vitórias expressivas: Benfica-Elvas, 6-0; Belenenses-Boavista, 5-0. No Porto, os campeões regionais fizeram três tentos contra os alcantarenenses. Natural.

Em resumo — os resultados:

Sp. Covilhã... 5 — Sporting... 2
 Belenenses... 5 — Boavista... 0
 Benfica... 6 — Elvas... 0
 F. C. Porto... 3 — Atlético... 0
 Vitória (S.)... 2 — Estoril... 0

Na Covilhã, os «leões» filiais chegaram a 5-1. A linha avançada do «team» nacional quedou-se ante os 5 «tiros» covilhanenses, e só no fim Jesus Correia fixou o resultado.

O Belenenses submeteu o Boavista, do Porto, que entrou esta época com o pé esquerdo na prova. Foi-se a última esperança, com certeza. Não a esperança de ganhar nas Salésias, mas a esperança do Covilhã perder com os campeões nacionais.

A equipa «xadrez» sofreu dura punição perante um Belenenses que procura segurar o segundo posto. Os portugueses não esperavam dominar no terreno adversário. E nem o grupo azul estava disposto a perder, só porque os dois pontos interessavam muito ao grupo do Norte.

Do Benfica há a dizer que fez um desfilio excelente, contra o Elvas em tarde pouco acertada. A formação lisboeta dominou sempre, na primeira e na segunda parte, surpreendendo um tanto o fraco jogo de Pataliao e de Missano, duas pedras que temos visto evolucionar alegremente nos vários campos nacionais.

Todos os «encarnados» se exibiram dentro do bom estilo. Não encaramos a partida com apreensões (já não há «dificuldades») e quando o 6.º golo entrou na rede guardada por Calleja, nenhuma emoção fustigou o público.

Na Constituição, o F. C. Porto, sem alguns titulares (Araújo tem A grande) ganhou por 3-0 ao Atlético. Respareceu Fandinho, um simpático e correcto jogador, e Vieira passou da esquerda para a direita, onde tapou a falta de Lino. A defesa do Porto manteve o adversário em respeito. Era a melhor arma dos azuis brancos, na verdade, de mais a mais porque Virgílio fez a viagem Elvas-Porto-Elvas, já de cabelo rapado...

Conseguiu o Vitória de Setúbal um belo triunfo sobre o consagrado Estoril Praia. Belo para os campeões sadinos, que fogem ao último lugar à custa da sua garra, do seu bom amor ao futebol. O Vitória de Setúbal tem prestigiado o mais popular desporto. E' bem digno de figurar, por isso, — no grupo dos concorrentes ao torneio máximo.

O Estoril desceu. Mas ainda faltam dois jogos, e talvez o recupere ainda.

Estamos no fim do campeonato, e supomos que o público terá seguido alguns sucessos e insucessos com algum cuidado. E inteligência. Aguardemos, entretanto, que alguns ensinamentos apareçam.

Rodrigues Teles

Classificação Geral

	CASA				FORA				TOTAL						
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Sporting	24	12	—	66	13	7	2	3	30	19	2	3	96	32	40
Belenenses	23	10	—	2	44	13	5	3	3	20	17	15	3	6	30
Benfica	24	7	2	41	11	7	1	4	23	23	15	3	6	64	33
F. C. Porto	24	11	—	1	35	10	3	1	8	16	25	14	1	9	35
Estoril	24	8	2	2	46	18	4	2	6	27	32	12	4	8	75
Olhansense	24	8	—	4	38	27	1	4	7	11	26	9	4	14	53
Vitória (G.)	23	9	2	—	31	9	—	2	10	11	35	9	4	10	42
Sp. de Braga	24	8	2	2	23	13	3	—	10	13	36	10	2	12	37
Elvas	24	6	3	3	30	15	1	3	8	13	38	7	6	11	43
Atlético	24	6	3	3	30	25	1	2	9	12	41	7	5	12	42
Lusitano	24	7	2	3	14	10	—	2	10	9	40	7	4	13	25
Sp. da Covilhã	24	7	1	4	32	16	—	1	11	11	41	8	1	15	43
Vitória (S.)	24	6	2	4	23	15	1	1	10	8	43	7	3	14	31
Boavista	24	4	5	3	24	19	—	1	11	10	61	4	6	14	34

Previsões da 25.ª Jornada

O Campeonato Nacional está prestes a exalar o último suspiro. Arramada há muito a questão do título, apenas faltam alguns retoques na classificação geral e o problema dos últimos lugares, relacionados com os primeiros da II Divisão.

A 25.ª jornada reserva-nos um duelo regional muito interessante. Nada menos que o Norte em peso contra Lisboa! A capital alinhará com o Sporting; Benfica, Belenenses, Atlético e Estoril — contra o F. C. do Porto, Boavista, Sp. Braga, Vitória de Guimarães e Sp. Covilhã!

Na 1.ª volta, os lisboetas levaram a melhor, em conjunto, com 3 vitórias, uma derrota e um empate.

Sporting-F. C. Porto (5-2/0-1) — Embora a cotação do quinteto avançado oleonino esteja um pouco em baixo, ao contrário dos portugueses que brilharam nas últimas pugnas internacionais, ainda nos inclinamos por um triunfo dos campeões de Portugal. Vai ser um jogo rijo, sem dúvida. E com duelos espectaculares, como por exemplo: Virgílio-Albano, Alfredo-Peyroteo, Joaquim-Travaços, Romão-Vasques, etc. E', em suma, um desfilio excelente para treino para a 1.ª e outras... A nossa previsão: filia-se na apregoadá vantagem de jogar em casa. Talvez 3-1 a favor do Sporting...

Boavista-Benfica (0-1/0-7) — A ameaça que paira sobre a equipa azardada traz os nervos dos jogadores feltos num harmonio. Deve agigantá-los neste último encontro diante da sua gente. O Benfica é que as paga... Se vier do Porto com um empate — é caso para considerar um bom resultado. Um «nulo» a uma bola é o nosso veredicto.

Sp. Braga-Belenenses (2-3/0-5) — Bom jogo em perspectiva na cidade dos arcebispos! São ambos favoritos — razão por que arriscamos um empate a duas bolas.

Atlético-V. Guimarães (2-1/1-1) — Calculamos que os alcantarenenses vão dar tudo por tudo para triunfarem, dado que a sua situação na Tabela não é nada privilegiada, e este é o último jogo disputado na Tapadinha, a contar para o «Nacional». É provável que vençam, mesmo que seja por uma bola a zero — que é o menos com que se pode triunfar!...

Estoril-Sp. Covilhã (5-1) — A turma de Vieira não conseguiu passar na Covilhã, e é natural que repitam o feito no próximo domingo, mas desta vez no saudável campo da Amoreira. O nosso palpite dá vencedor, para este encontro, o Estoril — a por 5-1!

Olhansense-Lusitano (1-1/1-2) — Os dois representantes do Algarve costumam dividir os resultados irrimtente. No ano passado empataram duas vezes. No torneio actual, o Lusitano logrou uma vitória pela tangente — que talvez devesse ser do campo do Olhansense, e pela mesma marca: 2-1. Será?

O Elvas-V. Setúbal (2-1/1-1) — Os elvenses não perderam ainda a esperança de alcançar um lugar na Tabela mais de acordo com a posição conquistada no ano da sua estreia. Favoritos no próximo encontro, viticiamo-lhes uma boa vitória por 4-2.

Stadium
 REVISTA DESPORTIVA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 RUA DA ROSA 252-1.º
 Telefone: 31187 - LISBOA
 Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
 Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
 Propriedade de
 EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

2.ª Divisão A Académica de Coimbra

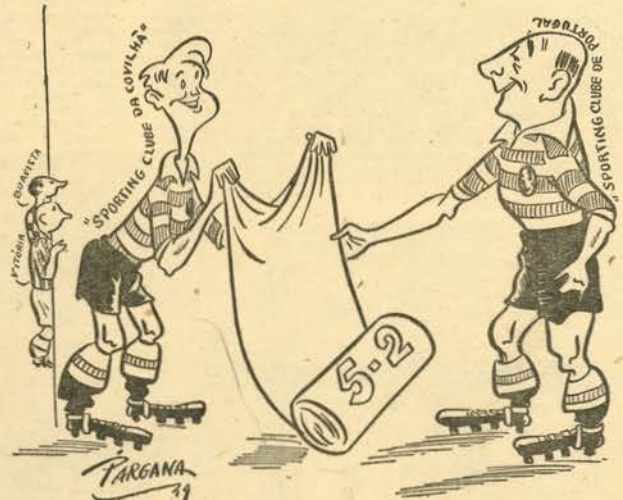
obteve uma vitória expressiva

A equipa da Académica de Coimbra jogou no seu ambiente com o F. C. Farnalício e venceu por 5-1. Este resultado coloca os estudantes na vanguarda do campeonato, podendo na verdade ter aspirações.

Famalício perdeu-as por completo com a derrota de Coimbra. As do Portimonense ficam reduzidas com o jogo em Marvila. Logo, embora os estudantes tenham de fazer agora duas saídas — a Lisboa e ao Algarve, é de presumir que o seu reingresso na Divisão maior esteja assegurado.

Como já se sabe, o jogo Académica-Famalício accorreu às contas. Todos os grupos têm igual número de jogos. Os minhos recebem o Oriental e deslocam-se para Portimão. Os algarvios, por isso, são os únicos que não devem qualquer visita, o que os colocaria em plano de evidência se não fora a sua grande derrota no campo marvilense. A Académica já não joga em casa, mas julgamos que, mesmo perdendo fora, lhe virá a sorrir o triunfo.

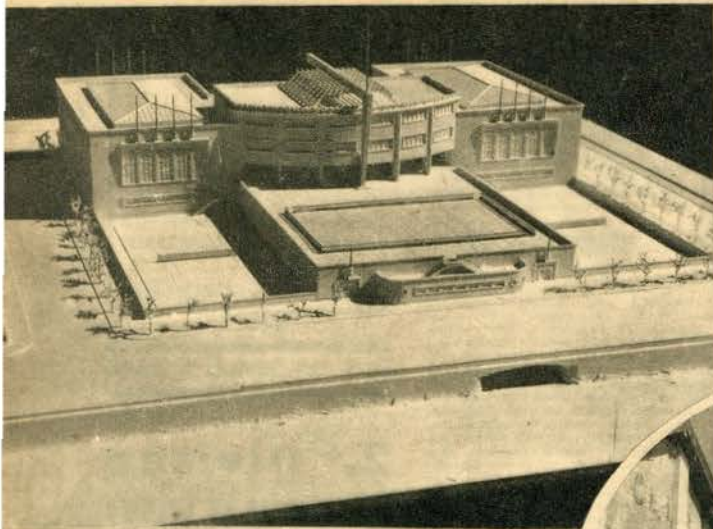
A «graça» da semana



O «pai» recebeu um «corte» do... filho, embora este tenha pena para... «menges»...

CLUBE NAVAL de Lisboa

57 anos de GLÓRIA



ginásio de remo, habitações de empregados (duas), doca privativa ladenda de arrecadações para barcos de remo, vela e motor, sala de espera das equipas e dois campos de ténis. No segundo pavimento, ficaria a piscina com seis patas, plintos e torre de saltos, vestiários para homens e senhoras, gabinetes para as secções de natação, ginástica, turismo, educação física, ginásio (educação física, basquetebol, vôleibol e salão de festas), sala de exercício de boxe, luta e pesos e aliteres, carréis de tiro com tres alvos, gabinete da secção de tiro, barbearia, tabacaria, oficinas e lugar de patins, terraço coberto e terraço descoberto com ringue de patinagem com as medidas regulamentares de oquei. No terceiro pavimento, «challs de acesso às banandas da piscina, biblioteca, salas de jogos, salão de bilhar, sala de estar para senhoras, challs de acesso à galeria do ginásio e bar-restaurant. No quarto pavimento, além do challs, teriamos sala de tónis de mesa, sala de marinharia, gabinetes das secções de vela, remo, pesca desportiva e caça aquática e dormitórios com lavabos para equipas em treino. E, finalmente, no quinto pavimento, o solário.

Pelo que deixamos exposto, avaliará o leitor a extraordinária envergadura do empreendimento que o prestigioso Clube Naval de Lisboa se propõe levar a cabo. E, dada a sua inegável e urgente necessidade, estamos certos que as entidades oficiais lhe prestarão todo o auxílio possível. Que bem o merece, o «velhos e glorioso Naval de Lisboa»!

Para assinalar a passagem do seu 57.º aniversário, realizou-se no sábado do tradicional banquete, a que presidiu a figura prestigiosa de Alberto Tota. Estiveram presentes os srs. coronel Salvação Barreto, presidente da C. M. L., coronel Sacramento Monteiro, director geral dos desportos e dr. Mário Madeira, governador civil de Lisboa. Festa de desportistas, mais palcos bem alto a chama de idealismo que anima toda a a família «navalista». E nela se prestou tocante homenagem aos dois sócios fundadores, srs. Augusto Moniz e Pedro Franco. — ABREU TORRES



O sonho do Clube Naval... Ao lado, por enquanto — a realidade!

E' de festa e de justificado júbilo para o Clube Naval de Lisboa — um dos mais antigos clubes náuticos da península — a hora que passa. Não admira. De facto, a passagem de mais um aniversário para uma colectividade como o Clube Naval de Lisboa não é, de modo algum, acontecimento banal. Tem antes profundo significado — para o clube e para o desporto nacional.

A data da fundação do Clube Naval, os pormenores gloriosos em que é fértil a sua história — história que vem do século passado — as comemorações do seu aniversário, são acontecimentos que saem do âmbito clubista para se transformarem, por mérito próprio, em acontecimentos festivos do desporto português.

Através de mais de meio século de laboriosa e profícua existência, o Clube Naval de Lisboa tem dedicado o melhor do seu esforço aos desportos náuticos. Muito lhe devem, com efeito, o remo, a vela e a natação. Muito lhe devem, sobretudo, nesses anos já longínquos da introdução dos desportos em Portugal. É que o «velhos clube do Cais do Gás» enfileira com galhardia no grupo dos pioneiros. No grupo daqueles que souberam vencer os inúmeros obstáculos da primeira hora e que tiveram, também, o condão de conquistar os primeiros adeptos. Mas a semente — porque era lançada por homens de rija témpora — frutificou como não podia deixar de ser. E, de então para cá assiste-se ao egerer dessa obra maravilhosa, ao desenrolar dessa luta permanente, luta de todos os dias e de todas as horas, lutou triunfante porque tem a animá-la a chama de um ideal puro; assiste-se, numa palavra, à história gloriosa do Clube Naval de Lisboa.

O remo deve-lhe algumas das suas melhores iniciativas, muito da sua propaganda e expansão em Lisboa e, também, algumas das suas tardes mais gloriosas. Recordem-se, a propósito, os nomes de Albano Santos, Xavier de Brito, Rocha Leão, Matos Marques, Jorge Ferro, Leopoldo Leerfeld, Mário Garcia, Leote, Salazar Denis, dr. Oliveira Duarte, António Soares, Alfredo Pereira, Soares de Oliveira, e tantos outros, que em épocas diferentes foram nomes famosos dentro do Naval, e no remo português.

A vela, sem sombra de dúvida, deve ao Naval inestimáveis serviços. Os primeiros tempos da natação e do «water-polo» estão intimamente ligados à história do Clube Naval de Lisboa.

Não admira, pois, que a prestigiosa agremiação do Cais do Gás seja considerada Instituição de Utilidade Pública desde 12 de Janeiro de 1932, e que seja agraciada com a comenda da Ordem Militar de Cristo.

Vistámos, há dias, a sede do Clube Naval de Lisboa, cujo gabinete da direcção é, até certo ponto, um pequeno museu das coisas do mar. Desde as cadeiras com a coroa real até às fotografias que ornamentam as paredes — tudo nos fala dum passado glorioso. Trofeus magníficos — que são todo o orgulho do C. N. L. Lá está a bela taça «Vasco da Gama», ganha em 1898; a taça «Clube Naval de Lisboa» conquistada em 1915, a «António Herédia» em 1912, e a taça «Sport Club do Porto», ganha em «water-polo» no ano de 1916.

Estava reunido o Conselho Director, e durante largo tempo pudemos conversar com os «timoneiros» do Clube Naval de Lisboa, à frente dos quais se encontra o espírito dinâmico e empreendedor do dr. Soares de Albergaria.

Piel aos seus princípios de sempre, vivendo única e exclusivamente da ilimitada dedicação dos seus sócios e da devotada abnegação, dos

seus dirigentes, sem grandes alardes, antes vivendo uma vida muito sua, o Naval vai cumprindo a sua missão com nobreza e ganhardia. No ano de 1948, o Clube Naval de Lisboa conquistou os títulos de campeão regional de fundo de remo em «shells» de 4, de campeão regional de velocidade em «shells» de 4 e de 8, na categoria de júniores, e de campeão latino em barco «snipes», nas classes de vela. Depois da «Moçidade Portuguesa» é a nossa primeira agremiação de vela, tendo participado, na época transacta, em 57 regatas.

De momento, os dirigentes do Naval estão empenhados em desenvolver as secções de natação — para o que já foram introduzidos vários melhoramentos na piscina — e de motor, esta inexistentemente desde 1915. O desenvolvimento da secção de motor é de capital importância, pois assim poderão as tripulações de remo, quando em treino, ser devidamente acompanhadas. O Naval pensa, igualmente, dar maior incremento à sua secção cultural — pelouro, que está a cargo do dr. Pacheco e Melo.

Com uma massa associativa que atingiu o milhar, o Clube Naval tem as suas finanças equilibradas e olha confiadamente o futuro.

Tem, porém, um sonho. Aquilo a que o sr. Alberto Tota, presidente da «assembleia geral e uma das maiores dedicações do Clube Naval, chama o «sonho de uma noite de verão».

Trata-se do ante-projecto da nova sede — que a actual está condenada pelas exigências da urbanização da autoria do sr. João Cerveira e executada pelo sr. Abel Salgueiro, e de Hernani Pinharanda. É um projecto grandioso, de invulgar beleza arquitetónica, e um tempo sóbrio e magestoso, absolutamente inédito entre nós, e que por isso mesmo, viria preencher, na cidade de Lisboa, uma importante lacuna.

O imponente edificio, construído à beira-rio, constaria de quatro pavimentos, e de um quinto destinado a solário. No primeiro pavimento, teriamos um challs de entrada, bengaleiro, secretaria e gabinete da direcção, sala de espera, posto clínico e sala de espera, vestiários e banheiros para homens e senhoras,



Pioneiros do Naval os seus velhos amigos: major Dores, da Polícia do Porto de Lisboa, Frederico Burnay, Alberto Tota, Augusto Pateia Moniz, fundador, José Gomes e Frederico Hoppffer



O momento da largada para a água serena do Tejo! Há esperança nos espíritos



O novo barco, marcando a nova actividade no C. N. L. desliza pelas águas do Tejo



A menina Maria de Lourdes Albergaria, de martelo em punho, quebra as amarras do novo barco motor do Clube Naval

Aspectos do PORTUGAL-ESPANHA B, no RIAZOR



Imagens do incidente provocado pela marcação de uma grande penalidade injusta. Manuel Marques, tenta convencer o árbitro



A equipa nacional B, que sustentou dura luta, na Corunha



Os portugueses, conduzindo os estandartes dos dois países, entram em campo



Outro aspecto do incidente: o dr. António José de Melo está junto de Capela; e os outros jogadores discutem mais ou menos acaloradamente

DUAS FESTAS oportunas e significativas



O Clube Naval de Lisboa comemorou o seu aniversário com um banquete. Damos à esquerda um aspecto da assistência.

Também os oquistas campeões do Mundo receberam uma significativa homenagem dos seus dirigentes. Vê-se, na nossa reportagem, o capitão da equipa, Olivério Serpa, depois de receber uma recordação, entregue pelo presidente da entidade dirigente, capitão Santos Romão, que tem ao seu lado o seleccionador nacional José Prazeres.



PORTUGAL vence a ESPANHA pela 1.ª vez em GOLFE

Pela primeira vez, ganhamos à Espanha, em golfe. Noutro sítio da nossa Revista, pela pena de um técnico, Diamantino Dias, relatamos o acontecimento, que documentamos com uma foto dos dois conjuntos.

BASQUETEBOB

Vai começar O Campeonato Nacional

APOS um interregno de um mês, vão prosseguir as competições oficiais de basquetebol. A demora, que quebrou o ritmo mantido, desde o princípio da época, foi prejudicial à modalidade. Tanto mais que, dado o alargamento da «Nacional» da I Divisão, não deve haver possibilidade de fazer disputar, este ano, a «Taça de Honra» — interessante competição que fechou, normalmente, o calendário federativo.

Segundo informações que nos chegam, o Campeonato Nacional da I Divisão deve principiar, no sábado, com os seguintes jogos, referentes à primeira jornada: Ligás-Vasco da Gama e Benfica-Académica, ambos em Lisboa; Fluvial-Atlético, no Porto; e Barreirense-Sangalhos, no Barreiro.

Neste momento, é impossível estabelecer comparação bem fundamentada do valor das oito equipas concorrentes, visto que, até agora, tem sido quase nulo o contacto entre os conjuntos dos vários centros.

No entanto, e tendo por base os elementos dispersos que possuímos, sobre o valor das equipas, podemos afirmar que os dois «teams» do Porto—Vasco da Gama e Fluvial—se preparam para repetir a esplêndida performance na prova do ano passado, na qual obliteraram as duas primeiras classificações. Por outro lado, verificamos que as equipas da capital—Benfica, Atlético—Ligás—estão dispostas a dar-lhes boa réplica, no desejo, bem compreensível, aliás, de trazer para Lisboa um triunfo que, em 1948, lhe fugiu, pela primeira vez.

Os representantes de Coimbra, Aveiro e Setúbal—Académica, Sangalhos e Barreirense—são estreates da prova e certamente vão estranhar um pouco o ambiente e o andamento em que ela decorrer. Porém, é necessário tomar atenção ao seu trabalho, sobretudo quando actuem nos seus campos.

Em resumo, pode dizer-se que a prova de 1949 se apresenta capaz de dar ao basquetebol nacional a movimentação e o interesse que por vezes lhe tem faltado.

Deve disputar-se ainda esta época, como já noticiámos, o IV Portugal-Espanha. A preparação da equipa nacional foi entregue ao conhecido técnico, sr. Fernando Amaral, antigo praticante, com muitos serviços prestados ao basquetebol nacional.

Em Lisboa e Porto efectuaram-se já alguns treinos destinados somente aos jogadores desta cidade. No domingo, em Macieira Liz, realizou-se o primeiro treino de conjunto, devendo o seleccionador indicar, dentro de pouco tempo, os elementos que escolheu e que serão sujeitas a rigorosa preparação nos próximos meses.

Monteiro Poças

Os franceses recomendam o jogo de futebol à inglesa

Por GEORGES LANGELAAN

Os métodos ingleses de jogo e as ideias inglesas sobre o desportivismo são sempre admiradas no estrangeiro e muitas vezes ouvimos exortações da Imprensa de muitos países dirigidas aos jogadores de futebol, para que joguem à inglesa.

Há poucos dias um jornal francês descrevia um incidente no desfilio Preston-Chelsea, mostrando o cuidado que o avançado-centro Roy Bentley teve para não ferir Gooch, guarda-redes do Preston. Vê-se bem Bentley com as mãos em posição difícil para não ferir o guarda-redes. Há outras cinco fotografias de avançados e guarda-redes da França, em contraste, mostrando os jogadores franceses com as mãos no ar, dificultando a acção do guarda-redes adversário.

De facto, tudo que a Inglaterra faz ou pensa sobre o futebol não deixa de interessar os jogadores do Continente europeu. A proposta de um redactor dum jornal inglês sobre o novo método de contagem de pontos, com 3 pontos para uma vitória no campo adversário e dois pontos para uma vitória em casa, suscitou considerável interesse. Um jornalista francês reuniu as estatísticas dos resultados da 1.ª Divisão da Liga Francesa, e acha que o grupo da casa tem 59% de probabilidades de vencer. Conclui por isso que a alteração se impõe. A propósito vai à biologia e à psicologia para explicar o maior número de vitórias em casa, uma vez que os animais se mostram mais senhores de si, naquilo que lhes pertence.

O Marselha parece estar deseioso de ver o regresso do amador inglês Cyril Martin que jogou a ponta-direita, na última época, nesse clube da cidade mediterrânica da França, ganhando o campeonato da Liga. A Imprensa local tem informado os admiradores de Martin dos êxitos que ele obteve no Bromley, na Taça de amadores ingleses e na Liga.

Os entusiastas franceses esperam a visita da Inglaterra

Os entusiastas franceses esperam com ansiedade o momento em que possam ver Mannon, Matthews, Mortensen, Pearson, Scott, Swift e outros não apenas no jogo França-Inglaterra, mas noutros jogos a realizar em França antes de visitarem outros países do Continente. O inglês é a língua do futebol, e se «off-side» está gradualmente a ser substituído por «fora de jogo», o «corner» continua a dominar, pronunciado de claro de modos diversos, à maneira de cada país. O «shoot» à baliza tem dado origem ao verbo «chutar» e outras palavras têm tido o mesmo destino.

O francês, que é a linguagem diplomática, teve as maiores honras

no banquete que se seguiu ao recente jogo Portugal-Itália. O banquete foi assinalado pela distribuição de diplomas e recordações aos pioneiros do futebol de Itália, enaltecido também nos jornais italianos. Assistiu o organizador da Taça Mundial, sr. Jules Rimet, que recebeu uma medalha comemorativa dos pioneiros do futebol.

O sr. Rimet tem muito que fazer!

O sr. Rimet é um homem muito ocupado. Esteve em Génova no dia 27 de Fevereiro para assistir ao Portugal-Itália, esteve depois em Amsterdão para o Holanda-Bélgica, em Lisboa para o Espanha-Portugal e no dia 28 de Março deixará a França com os jogadores franceses que seguirão para a Indochina. E o presidente da Federação Internacional de Futebol conta nada menos de 76 anos!

A Taça Mundial estará em perigo? A Jugoslávia enviou à França uma resposta que dificilmente se pode considerar satisfatória, a respeito do encontro que se devia realizar entre a França e esse país depois de a Jugoslávia ter derrotado Israel. A carta da Federação Jugoslava à Federação Francesa promete tratar da data do desafio após o encontro com os representantes da Federação de Israel. Dificilmente se pode tirar outra conclusão que não seja o pouco interesse que a Taça Mundial está a despertar.

O árbitro francês do Itália-Portugal em Génova, Victor Sdez, quando na fronteira, no seu regresso, lhe perguntaram se tinha qualquer coisa a declarar, abriu a sua mala de viagem e convidou os oficiais das Alfândegas a ver. Trazia uma bola de futebol, uma cigarrète, uma medalha oferecida pela cidade de Génova, uma bola de futebol gravada em cristal com as cores das bandeiras italiana e portuguesa e cheta de água de colónia e um magnífico relógio.

O Charlton na primeira página dos jornais

A visita do Charlton a Paris, em 3 de Abril, para jogar com o Stade Français-Red Star, aparece já na primeira página dos jornais desportivos franceses. Ben Barek e Domingo que pertenceram ao clube francês e que presentemente jogam em Espanha, eram esguardados para jogar contra os jogadores britânicos.

Um jornalista desportivo afirma que «os grupos célebres não podem ser conjuntos de music-halls», e diz que não é correto pedir a homens que têm trabalhado intensamente para manter a sua posição, jogando toda a época, que cedam o seu lugar a jogadores de momento que ganham bom dinheiro noutro país.

O mesmo jornalista lamenta que

O ciclismo em 1949

ESTÁ para breve a abertura da temporada de ciclismo em estrada que este ano, apesar de uma manobra de política subterrânea destinada a servir ocultos interesses, será já orientado pela nova regulamentação técnica aprovada no recente congresso federativo.

Anunciaram-se as primeiras organizações e as promessas são lisonjeiras, com predomínio para a Associação do Norte, onde se trabalha com afinco e onde a modalidade parece haver reconquistado uma popularidade dominante, credora de hegemonia nacional.

Além da corrida Porto-Lisboa, cujo reaparecimento parece assegurado, e da Volta a Portugal, que pela segunda vez terá início e final no Porto, o organismo dirigente noroeste projecta a realização de uma grande prova ibérica, Madrid-Porto em quatro jornadas, desviada a grande relambância.

Assegurada assim a necessária propagação do ciclismo é de presumir a estufência de novos praticantes, a renovação e o aumento dos quadros existentes, com o consequente progresso de resultados.

O ciclismo, sobretudo o ciclismo de estrada interessa extraordinariamente o público; passa-lhe à porta, em grande número de casos, e por esse path adiante há ideias perdidas onde a passagem dos ciclistas em corrida é a festa máxima do ano. Todos que tenham alguma vez acompanhado uma Volta a Portugal o sabem.

Com boa vontade dos dirigentes, aplicação dos praticantes e interesse dos clubes — no caso os mais sacrificados, porque manter uma secção de ciclistas independentes é luxo caro — o desporto da bicicleta breve alcançará o fastígio dos tempos da Trindade e do Nicolau, da loucura colectiva que se opozara de toda a população portuguesa. Temos boa esperança na temporada que se avizinha com tão agradáveis perspectivas; oxalá todas se possam cumprir e tenhamos na modalidade moi um testemunho da pujança vital do desporto português, do incontestável melhoramento em que caminha nestes anos de acção disciplinadora e estimulante.

um jogador como Carlsson venha da Suécia fazer uma temporada de 3 meses em Paris após o que regressa ao seu país no mês de Abril para jogar no seu clube na segunda parte do campeonato sueco. Uma vez terminado este fará as malas e irá para Turim, tornando-se profissional pelo Juventus e embolsando 15 milhões de liras.

Reimão Nogueira e José Granate

mantêm os seus lugares de favoritos

DIZIA-NOS outro dia alguém, particularmente ligado ao meio hípico nacional, que as «poules» que vêm sendo organizadas pela Sociedade Hípica Portuguesa constituem um magnífico aperitivo para as primeiras provas oficiais do ano.

É de facto assim. Para isso, porém, muito tem contribuído a sua boa organização e, sobretudo, o entusiasmo dos concorrentes que têm sabido lutar, sem esquecer o seu espírito desportivo, tantas vezes posto à prova. Não há prémios punitivos. Há apenas dois troféus em disputa, mas o interesse pela sua posse tem sido revelado por todos e em todas as competições.

Tem-se verificado no conjunto das provas uma certa regularidade de finalidades que se pretendia alcançar, mas no entanto alguns concorrentes parecem esquecer que não basta, nem influi grandemente, ganhar uma «poule» — será necessário ser ao regular em todas elas. Escusado será dizer que se nota esta particularidade nos concorrentes mais novos, naqueles em que o desejo de vitória é dificilmente controlado pelo domínio dos nervos e pela calma nestes casos não aconselhável.

Há de rubre provocados mais pela preocupação de obter um bom tempo, do que por qualquer outro motivo. A esses concorrentes poderemos e devemos lembrar que o factor tempo é, no conjunto das provas, vantagem muito relativa.

As «poules» de domingo foram menos brilhantes do que as anteriores e não trouxeram alterações nas classificações gerais.

«Faim», montado por José Granate, mantém neste momento o primeiro lugar na Taça «Sociedade Hípica Portuguesa», apenas com um ponto de diferença de «Airosos», com o qual Mário Gonzaga venceu bem a «poule» do domingo.

Quanto à Taça «General Hígino Borata», há que continuar a mencionar como favorito o «Congos», montado pelo conhecido internacional Reimão Nogueira que, apesar de ter sido o 3.º classificado nesta «poule», apenas perdeu um ponto na classificação geral. Os onze que ainda conserva, dão-lhe relativa tranquilidade.

Uma referência para os vencedores das duas provas de domingo que contavam para esta taça — Joaquim Barreto, na «Faineca» e Rangel de Almeida, no «Febu», qualquer deles com bons percursoros.

Um dos factores que provocou menor brilhantismo nestas competições foi a falta de comparência de alguns cavalos, entre os quais «Cyprien Ruy» e «Tobruko».

As provas continuarão no domingo.

Antas Teixeira

A 1.ª vitória de Portugal sobre a Espanha, em golfe

O golfe português ofereceu-nos, em cada ano que passa, uma surpresa. Mas surpresas agradabilíssimas — acentue-se — porque todas elas denunciam progressos da modalidade. Há dois anos, a vitória dum português na final do Campeonato Internacional de Portugal, sobre um brasileiro, tido como um dos mais fortes jogadores do Mundo. Há um ano, a inauguração do novo pavilhão do Clube de Golf do Estoril. Agora, o primeiro triunfo num Portugal Espanha. E é dele que vamos ocupar-nos.

Tardava já a primeira vitória dos jogadores portugueses de golfe, na série de encontros entre as equipas de Portugal e Espanha, iniciada há oito anos. Os nossos jogadores, porém, nunca esmoreceram. Longe disso, fornecendo um exemplo que gostaríamos de ver limitado por gente doutras modalidades, eles trabalharam sempre e mais e melhor, no sentido de alcançarem um dia essa almejada vitória, perdida uma ou duas vezes porque a sorte não esteve com os portugueses.

O triunfo surgiu há dias e nada

melhor do que ele poderia constituir merecida recompensa para a dedicação e perseverança dos nossos praticantes da modalidade. Nem só o meio afecto ao golfe pode sentir-se satisfeito. Não será grato a todos os nossos desportistas, toma em conhecimento de que uma equipa onde só figuram nomes de compatriotas bateu a selecção de qualquer outro país. Neste caso — a Espanha, país excelentemente cotado no golfe mundial.

A vitória de Portugal não pode ser contestada, ainda que não tenha sido expressiva, pois, apenas, um ponto de diferença (6,5 contra 5,5) ficou a ditar a superioridade dos portugueses. Mas o comportamento da equipa chefiada pelo Visconde de Pereira Machado é bem uma proeza. Os espanhóis tinham melhor handicap do que os portugueses, na sua quase totalidade — sinal evidente de que eram superiores aos adversários que lhe foram opostos. E, todavia, os números que exprimem algumas das vitórias dos nossos jogadores, traduzem claramente que eles foram brilhantes.

O «oitos» português apresentou-se constituído por Visconde de Pereira Machado, Luís Meirelles, Manuel Brito e Cunha, Visconde de Soveral, José Posser de Andrade, António Posser de Andrade, Nuno Castro Pereira e António Casanovas. Dos quatro primeiros pode dizer-se que corresponderam em absoluto ao que deles se esperava; José e António Posser de Andrade não estiveram à altura das suas possibilidades e do seu real valor; Nuno Castro Pereira e António Casanovas — esses excederam as melhores previsões, cabendo-lhes grande quota-parte do êxito alcançado.

Os espanhóis, recentes vencedores da França e tendo empatado com a Itália, vieram ao Estoril com grandes responsabilidades. Creemos que as sentiram demasiadamente ou que encaram a luta com falta de confiança nos seus recursos. Uma ou outra coisa podem ter significado o seu alheamento doutras provas e a pouca espontaneidade em revelar os seus «handicaps». Mas isso não ofusca o brilhantismo da vitória portuguesa.

D. D.

JOGOS DA BOLA

ANDEBOL

Faltam três jornadas para a conclusão do campeonato de Lisboa e, embora o Sporting disfrute de posição privilegiada, não se pode com segurança prognosticar a sua conquista do título, porque a equipa tem feito, nos últimos domingos, fracas exhibições.

Contra o Almada alcançou uma vitória nítida, por 7-2, mas os números não correspondem ao mérito da exhibição; ao intervalo o resultado era de 1 e 1 e no segundo tempo exagerou-se um tanto o entusiasmo pela luta.

Nos outros encontros, o Belenense, dominou bem o Glória por 8-2 e «Os Treze» bateu o Benfica por 7-5, confirmando a subida de forma da equipa, que, nos jogos da segunda volta, se equiparou às melhores.

No campeonato de júniores, o jogo de maior interesse era aquele que opunha, em Marvila, o Oriental ao Sporting.

Os «leões», que já têm estatura de «elefantes», venceram por 4-3, mas têm que agradecer o triunfo ao seu guarda-redes, cuja acção foi verdadeiramente notável.

A partida começou bem, fulgurante, com quatro golos marcados em sete minutos. Até ao intervalo, que o Sporting atingiu a ganhar por 4-1, os dois grupos houveram-se com brio e merecimento. No segundo tempo, porém, o ambiente mudou; os rapazes do Oriental assestaram-se e a situação é, ante a desorientação

inexplicável dos sportinguistas que se apagaram por completo, mantiveram esmagador assédio, com direitos ao empate ou talvez até à vitória.

Não se alcançaram porque a isso se opoz o guarda-redes leonino e porque lhes fugiu também a serenidade necessária; começaram os exageros e o jogo perdeu beleza.

Para complemento, o próprio árbitro se desmanteou por fim, estragando o bom trabalho do primeiro meio-tempo.

Um dos últimos pontos do Oriental foram alcançados além do tempo legal.

Os resultados dos outros jogos foram:

Belenense-Almada, 3-0 e Benfica-Glória, 6-0.

Os grupos do Sporting e do Belenense, que se defrontam no domingo, devem decidir entre si a posse do título.

VOLEIBOL

A terceira jornada do torneio de abertura trouxe a eliminação de mais uma equipa concorrente, deixando em campo apenas três grupos: Técnico, Sporting e Lisboa Grátis, todos sem derrotas.

Assim, o destino encaminhava a competição para um final arrastado, pois obrigará a, pelo menos, mais quatro jornadas, com um único encontro no programa.

Um mês se a Federação continuar utilizando apenas os domingos, com três clubes somente em actividade.

No domingo, o Técnico eliminou o Estoril por 15-8, 5-15, 15-10 e 15-12 e o Sporting bateu o Benfica dificilmente por 12-15, 7-15 15-11, 15-13 e 15-7. Neste último encontro é curioso registar que o Sporting perdeu os dois primeiros jogos com a sua equipa número um e passou a ganhar quando a substituiu integralmente pelos seus reservas.

João de Eça

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS — 300 GRAVURAS

ENCONTRA-SE À VENDA:

NOS NOSSOS AGENTES — NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS
E NA ADMINISTRAÇÃO DA «STADIUM»
Rua da Rosa, 252 — Telefone 31187 — LISBOA — Preço: 40\$00



A ITALIA desafiou a ESPANHA



O team de Espanha que perdeu em Chamartin, tendo ao lado o seleccionador Guilherme Eisaguirre



Em volta de Rigamonti, que se eleva desta maneira e sabe jogar de cabeça, vêm-se Annovazzi, Becattini e Castigliani



As duas equipas, a selecção da Espanha à direita (camisola grená) e a de Itália à esquerda (camisola azul), na saudação oficial e escutando os hinos nacionais



Becattini corta uma fugida de Epi no momento do remate



Bacigalupo defende, embulhando-se com Castigliani. Annovazzi está atento



Ballarin carregou violentamente, com um pontapé, Zarra, que vemos caído por terra e agarrado à perna. Mr. King ordenou penalti; e Bacigalupo apela, mas em vão. O árbitro mantém a sua decisão e Gainza marcará o ponto de honra de Espanha



Ballarin jogou admiravelmente: forte, rápido e ousado. Gainza nada fez



Carapalosa, o fenómeno, no começo da 2ª parte, driblou Aparicio, e os dois venceram na foto. Juntamente com Pachudes e Lozano, aguardando a saída de Eisaguirre para marcar a segunda bola. O guarda-redes espanhol já batido

OS GOLOS DA ITALIA

Aparicio vai buscar a bola ao fundo das redes, e Eisaguirre diz: - Porque não me deixaste a bola?



Eisaguirre saltou, mas Aparicio prefere defender de cabeça. A bola é recolhida por Amadei que faz o 3.º golo



Zarra é transportado para fora do campo, após ter sofrido a carga de Ballarin punida com penalti

Vitória do Paço de Arcos

no torneio da Taça de Honra

MAIS uma competição de hóquei em patins ganha pelo Paço de Arcos! O caso (ou a «teimosia» na frequência das vitórias) já nem sequer admirar porque os campeões nacionais — p' fiminho aliam-se a maior turma de clubes — habituaram-se a isto... Chegou a haver quem tivesse esperanças no Sintra ou no Oeiras e até mesmo no Benfica — mas o Paço de Arcos fez ruir o «castelo das ilusões» mais uma vez. Se na fase preliminar, na sua série, os campeões foram batidos por um Sintra pleiteiro de distímico entusiasmo, quando se atingiu o ponto culminante (ou seja a prova final) ninguém os superou; é certo que p' rmitiram um empate ao Sintra — mas tanto lhes bastou para arrecadarem novo troféu.

A última parte do torneio forneceu, nas três jornadas derradeiras, os resultados seguintes: Sintra-Benfica, 7-3; Paço de Arcos-Oeiras, 5-2; Paço de Arcos-Benfica, 3-2; Oeiras-Sintra, 4-2; Oeiras-Benfica, 4-1; Paço de Arcos-Sintra, 3-3. Classificação final: 1.º Paço de Arcos, 2 vitórias, 1 empate, 11-7 e 4 pontos; 2.º Sp. Oeiras, 2 vitórias, 1 derrota, 10-8 e 7 pontos; 3.º Hóquei de Sintra, 1 vitória, 1 empate, 1 derrota, 12-10 e 6 pontos; 4.º Benfica, 3 derrotas, 6-14 e 3 pontos.

Como notas curiosas, salientem-se, a única derrota vencedoras das suas respectivas séries, acabaram nos últimos lugares entre os quatro finalistas... E isto não deixa, realmente, de ter o seu significado. De qualquer maneira, porém, mesmo levando em linha de conta o comportamento meritório dos ozeirenses, o Paço de Arcos ganhou com inteira jus-

tiça — porque continua ainda a ser a mais completa formação de quantas praticam a modalidade em Portugal.

Accentue-se que Velez, do Sintra, foi o jogador que maior número de golos (28) marcou em todo o torneio, vencendo, por um de diferença, Correia dos Santos, do Paço de Arcos, com quem manteve interessante despique, desfeito a seu favor simplesmente no jogo derradeiro. O benfiquista José Lisboa (16) figura em terceiro lugar — seguindo-se-lhe: José Henriques e Quim Miguel (Oeiras), ambos com 14; Manuel Esquedo (Cascais), com 12; Jorge Barbosa (Lisgás), Perdigão, e Cruzeiro (Benfica, Cavalheiro (Oeiras) e Saúl (Futebol Benfica), todos eles com 9.

Em materia de resultados — quero dizer: dos mais volumosos e todos obtidos no torneio preliminar — temos: Paço de Arcos-Hóquei, 11-0; Benfica-Naval, Setubalense, 10-0; Paço de Arcos-Campo de Ourique, 10-0; Sporting de Oeiras-Cuf do Barreiro, 10-2; Académica da Amadora-Hóquei e Oeiras-Ateneu, 8-0; Hóquei de Sintra-Hóquei, 7-0; Paço de Arcos-Parde, 9-2. São números que dispensam comentários...

Esta «Taça de Honra» (com todos os atractivos inerentes a uma prova «a correr» e disputando-se todos os jogos no mesmo recinto, portanto, sem vantagens e desvantagens de jogar em casa ou fora) serviu maravilhosamente a propagação do desporto português n.º 2 e constituiu, ao mesmo tempo, bellissimo trecho para a preparação dos elementos que hão-de formar a turma nacional. Com o VII Norte-Sul, que se effectua no próximo sábado, no Porto, coincidirá, por certo, a escolha definitiva dos seleccionados — visando à comparticipação do país na Taça da Europa, a disputar em Montreux de 15 a 19 de Abril. E em Maio teremos então em Lisboa o campeonato do Mundo — já com tudo na boa ordem e devidamente afinado.

JORGE MONTEIRO

O Ginásio Clube Português

o o seu 74.º aniversário

E sem dúbida alguma um caso impar este do Ginásio Clube Português. Com effeito, não é frequente ver uma colectividade atingir a bonita soma de 74 anos de existência. O facto, só por si, na sua eloquente simplicidade, merece elogiosa referência. Mas há porém mais qualquer coisa. Não se trata apenas de uma existência longa nem de uma colectividade que sómente possa apresentar, como único título de orgulho a circunstância de ter sido fundada no século passado.

Não. O que mais impressiona na vida do velho e glorioso Ginásio é a forma como tem sabido manter-se fiel ao pensamento que presidiu à sua fundação, em 1875. E' principalmente — porque o caso nem sempre se verifica — a maneira como tem sabido acompanhar a evolução dos tempos, evoluindo também, acompanhando o progresso, adaptando-se às novas doutrinas e aos novos métodos, mantendo-se assim sempre com galhardia na primeira fila das colectividades que em Portugal se dedicam, fundamentalmente, à prática da educação física.

E' realmente curioso observar como a linha do pensamento de Luis Monteiro se tem mantido incorruptível, atavés de setenta e quatro anos de existência.

O desporto português deve-lhe inestimáveis serviços. Em muitos pontos, a história dos desportos em Portugal confunde-se com a própria história do Ginásio. E não só no campo da gúastica. No campo dos desportos também, pois muitas foram as modalidades introduzidas em Portugal por iniciativa do Ginásio Clube Português.

No que toca a organizações, a acção desenvolvida pela velha colectividade da Rua Serpa Pinto é igualmente notória. Ao Ginásio se deve, por exemplo, a organização das primeiras provas de natação disputadas entre nós, como se deve

também a manutenção das primeiras escolas. E é pena que o Ginásio não regressse à modalidade...

Com a passagem de mais um aniversário, o Ginásio esteve em festa, como é natural. Durante uma semana, as manifestações de actividade do glorioso Clube succederam-se. E succederam-se de tal forma, apresentaram tal gama de pormenores curiosos, que ao fim e ao cabo, uma só conclusão é possível: a de que o Ginásio Clube Português — sendo uma reliquia do passado — é bem uma colectividade de hoje, sempre fortemente impregnada de espirito moço, sempre disposta a lutar convictamente pelo seu ideal. O seu ideal de hoje — que é o seu ideal de sempre.

As comemorações terminaram com um sarau no Pavilhão dos Desportos, reunião magnífica, afirmação eloquente do trabalho probu, dia a dia realizado pelo Ginásio, e a que não faltou, inclusivamente, um combate de boxe de sabor internacional: o encontro entre Silva Marques e Pedro Jimenez, campeão de Castela.

De modo geral, todos os números agradaram. Registe-se, no entanto, o bello éxito alcançado pelas classes do professor sueco Curt Johansson, mormente a classe de senhoras, impecável, que recebeu, sem favor, as melhores ovações da noite.

«Stadium» regista com muito aprazimento nas suas colunas, a forma brilhante como o glorioso baluarte da educação física assistiu a passagem de mais um ano de existência e de trabalho. E faz sinceros votos para que em Março de 1950, a comemoração das suas «bodas-de-diamantes» constitua a glorificação condigna e a justa apoteose que o Ginásio Clube Português amplamente merece.

ABREU TORRES

ESTORIL

COSTA DO SOL

(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de comboios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALACIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnifica situação

HOTEL DO PARQUE

Boa instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Ilália)

Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Laboratório de análises clínicas. Ginástica Médica. Maçagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

CASINO. Aberto todo o ano
Cinema - Concêrtos - «Dancing» - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL

Para o dia 2 de Abril próximo está marcado o Norte-Sul de hóquei em patins. O jogo efectuar-se-á no Palácio de Cristal, desta cidade, e a equipa nortenha está assim constituída:

Guarda-redes: Gomes da Costa (Infante de Sagres); defesa — Correia de Brito (Académico); médio — Manuel Soares (Infante de Sagres); avançado direito — António Ribeiro (Académico); avançado-esquerdo — Fernando Figueiredo (Infante de Sagres); Sexto — Abel Santiago (Académico de Espinho). Suplente — Domingos Ramalho (Carvalhos). Suplentes que não chegam a equipar: António Figueiredo (Infante de Sagres) e Eirmino Trabulo (Vigorosa).

Como estão próximos vários jogos contra equipas estrangeiras, tem oportunidade e importância este encontro. P' pens, entretanto, que o campeão mundial Jesus Correia não possa actuar no Porto, onde tem muitos admiradores.

OS NOVOS DIRIGENTES DO ACADÉMICO

Os nossos principais clubes tiveram dificuldade em eleger os seus dirigentes. Cada vez é mais difícil encontrar pessoas com espírito de sacrifício, dispostas a suportar complicações — hoje moeda corrente nos grandes e pequenos clubes desportivos.

O Académico, entretanto, tem já a sua direcção aprovada, e dela fazem parte algumas figuras de relevo no desporto. E' assim constituída:

Assembleia Geral: Presidente, dr. Manuel de Freitas Sampaio e Castro; vice, eng.º Augusto Nascimento da Fonseca; secretários, eng.º Victoriano Machado e António Ribeiro Mendes.

Direcção: Presidente, Francisco d'Assis Gama Lobo Betard; vice, dr. Jaime de Andrade; secretários, João Alvaro Ferreira e Aurélio Carlos Pereira da Silva; tesoureiro, José da Fonseca Bastos; vogais, Manuel da Silva Ramos e Diamantino da Silva Moutinho. Suplentes: eng.º Renato Vieira Pousada, Germano Ferreira Pacheco, Fausto Correia Guimarães e Augusto Ferreira Mendes.

Conselho Fiscal: Presidente, eng.º Almeida Freire; secretário, dr. Paulo Sarmiento de Carvalho; relator, dr. Castêllo Carvalho de Sousa; suplentes, Armando Ribeiro e António Coutinho Fortuna.

O F. C. DO PORTO VAI FICAR SEM TREINADOR?

Corre o boato. Scopelli, segundo o «diário» de café, abandonará o cargo de treinador do F. C. do Porto. Para ingressar de novo no Belenenses? Aqui está a nossa dúvida.

Alguém do F. C. do Porto, a quem falámos, não confirmou a notícia. Mas também a não desmentiu. O clube portuense tem sido pouco feliz, esta época, não sendo com certeza por culpa do treinador a sua má actuação. Presentemente, só pos-

Stadium

na capital do Norte

CLARA INJUSTIÇA

O Porto não merece isso! O andebol português criou ambiente, público fiel e muitos jogadores de classe, mas nesse esforço estiveram interessados, antes de mais ninguém, os desportistas do Norte.

Fundou-se a Federação Portuguesa, e intervieram nela também homens do Porto. O publico do Porto, fidelissimo à modalidade, enchia os campos, para ver jogos de clube, do campeonato regional, nacional e de selecção. Prometeu-se; depois, — que o Porto seria contemplado, dando-se-lhe o primeiro jogo internacional a efectuar no nosso país...

Mas parece que não será assim, a julgar por algumas notícias já publicadas. O Portugal-França em projecto, deve ser marcado para Lisboa!

E' isso justo? Merece o Porto que a Federação Portuguesa de Andebol se esqueça do seu esforço, ainda hoje dado em média superior ao do Capital?

Continuaremos a fazer parte de uma cidade que não conta para nada. Os jogos internacionais de futebol — desapareceram por completo dos olhares nortenhos. A final da «Taça», deixou de fazer-se do lado de cá. E quando todos pensavam que o andebol, pelo menos o andebol tão querido dos portuenses, forneceria uma jornada «internacional», eis que as coisas se encominham para Lisboa...

Para o Porto virá apenas qualquer coisa parecida com o xadrez, o bilhar... Modalidades de publico, no geito do futebol, andebol, atletismo ou basquet-bol — só em Lisboa podem ser apreciadas. O Porto não merecia isso...

sue bons elementos na defesa: Barrigana, Virgílio (e este inferiorizado pela tropa), Joaquim, Romão, Alfredo e Carvalho. Mas quanto ao ataque — a sua inferioridade é manifestada. A falta de Araújo e as baixas, ora hoje, ora amanhã, de Sanfins, Vieira, Vital, Lino, etc., destruíram-lhe todo o poder.

Scopelli, por certo, não teve culpa. E a «solução» Fandino e Silva, infelizmente, também o não ajudou. Esta época — tudo está arrumado; agora — aguarda-se que melhorem as coisas, lá mais para diante. Nesta altura, é mais derrota menos derrota...

OS NOVOS DE QUALQUER MODALIDADE

Os juniores do futebol e andebol estão em movimento. E os infantis do F. C. do Porto, também. Acharnos, todavia, que ainda são poucos os interessados. Os grandes clubes descuidam-se bastante com a preparação dos seus futuros atletas. O F. C. do Porto, Académico e outros, por exemplo, não conseguiram impor-se no futebol, deixando essa honra para o popular Salgueiros, disposto segundo parece a criar jogadores com futuro.

No andebol, é agradável a luta entre os conjuntos do Porto, Ferroviários, Sport, Gela, Vigorosa e Vilanovense. Eliminadas algumas atitudes aborrecidas, a que já fizemos merecida referência, continua o andebol a sua marcha agradável. Lamentamos apenas que isso não seja apreciado convenientemente nas altas esferas.

Curiosidades...

Pessoa amiga diz-nos que ainda é possível um entendimento entre o F. C. do Porto e Fandiño. Pelo menos, já j'gou no domingo passado...

Essa mesma pessoa, aduzindo interessantes argumentos, afirmou-nos também que o conjunto portista, na defesa, enquanto se não esclarecerem certas coisas, várias faltas, poderia alinhar: Alfredo-Francisco-Carvalho; Joaquim e Romão.

— E Virgílio? — perguntámos. — Seria avançado-centro nestes últimos jogos. Depois, Alfredo passaria para o seu lugar do momento, e Virgílio ao posto que o fez «internacionais». Francisco, jogando ao lado — é que não!

As exhibições de Serafim, Caiado e Alfredo na Corunha vieram dar-nos razão.

Lamente-se que o público portuense não tenha comparecido em razoável número no dia da homenagem postuma a Figueiredo e Melo. Tudo esquece, nesta vida...

Alberto Brito, ex-vice-presidente do F. C. do Porto, justificou na Imprensa o seu pedido de demissão. Há de facto atitudes muito respeitáveis.

Se o F. C. do Porto não resolver depressa os problemas respeitantes à construção do seu Estádio, podem surgir graves complicações.

Um exemplo na Corunha

E' altura de lembrarmos a defesa feita à inclusão de Caiado, Alfredo e Serafim na equipa espolhada para jogar contra a E-panha. E também a indicação de outro jogador que se desprezou: — o médio-esquerdo de ataque do F. C. do Porto.

Afirmamos que o seleccionador errava não contando com os elementos acima referidos, e tudo quanto se passou na Corunha depõe a nosso favor. O caso, evidentemente, já não tem remédio. Portugal foi bem derrotado por 5-2, — e toda a gente esquecerá o erro, e nomeadamente o seleccionador, para nos julgarem mais tarde parciais ou excessivamente regionalista. E queer-se-á o insucesso da Corunha quando afirmarmos de futuro, com a razão habitual — que numa equipa faltam os jogadores A e B...

Mas deixa-lo. A obrigação de zelar pelo prestígio do futebol levou-nos à indicação de atletas que o pudessem servir, e tudo o mais não interessa. Pouco importa, não importa mesmo nada, a opinião de que pretendemos apenas «chegar a água ao nosso moinho». Que não era assim, demonstrou-o bem este jogo do Estádio Riz-zar, Alfredo e Serafim, chamados na segunda parte, deram nova força à equipa, e temos mesmo a certeza de que também Romão lá cabia honrosamente.

Esta é a verdade. Continuaremos por isso dentro dela, queiram ou não as pessoas que possam duvidar do nosso bom desejo de servir o futebol português.

OS REPRESENTANTES DO PORTO

O F. C. do Porto, mesmo sem a sua equipa completa, o que já não acontecerá esta época, com certeza, venceu no seu campo o conjunto alantarense. Resultado normalissimo, embora os avançados portistas denunciasses alguma impericia na frente das balizas.

Na equipa do F. C. do Porto reapareceu Fandiño, que se mostrou bom jogador. Já havíamos reconhecido, porém, as suas qualidades.

O Boavista foi derrotado em Lisboa, por 5 0. Como o Sporting perdeu na Covilhã, pode o segundo clube do Porto considerar-se eliminado.

E' esta, para si, a triste verdade



"Se me tivessem ordenado que substituisse um camarada nas minhas condições, eu não o faria!" — declarou-nos

FELIX...

Não pode um seleccionador nacional pretender que o seu trabalho — por mais acertado e consciente que lhe pareça a «obra» que trás em mente — agrade a todas as camadas, que fique isento de criticas.

Isso, contudo, não pode servir para «salvo-condutos» de todas as excentricidades que lhe pareçam, ou para se supor capas de arrotar com os efeitos produzidos pelas «altas fantasias» do seu espirito.

Vem isto a propósito da substituição de Felix no recente Portugal-Espanha do Jamar.

Caso que fez correr rios de tinta que deixou boquiabertos quantos a ele assistiram, nada admira que tenha levantado indignações nas hostes benfiquistas. É que o Felix tem feito, de facto, uma época brilhante de mais para que as leções dos seus adeptos se curvem indiferentes perante a preferência dada ao seu «ídolo».

E foi mais por isso, talvez, que quisemos colher da boca do próprio atleta algo que pudesse servir para levar a quantos admiram o Felix a tranquilidade para continuarem a crer nas suas possibilidades de jogador de recursos, de atleta consciente e de inegável classe — uma coisa de que raros podem orgulhar-se em Portugal.

Ouvimo-lo há tres dias, no Campo Grande, e dele não colhemos mais do que um ligeiro apontamento. É que o tempo corria cêlere, e o nosso homem precisava de recolher à cabina — quando dele nos acercámos — para equipar-se. A jogar contra o Elvas, e brindar o seu público com mais uma magnífica exhibição, a fazer desaparecer totalmente do terreno o fogueiro Patalino...

É assim o Felix.

Quisemos saber, primeiro, como havia encarado a sua primeira selecção.

Perguntámos-lhe, por isso:

— Entrou nervoso no campo, quando há oito dias defrontou a Espanha?

— É certo que sim. Por mais escalo que se tenha adquirido a jogar o futebol, por muito habituado que se esteja a enfrentar o grande público, há sempre um tudo nada de nervosismo a imperar em nós quando se pensa na «responsabilidade» contraída para com a «jersey» das quinias e na confiança que em nós depositam os milhares de espectadores colocados à volta do campo. É um momento grave de mais para que, dele posamos alheiar-nos!

— Foi talvez por isso, voltámos, que o Felix esteve de início um tanto receoso, não?

— Creio que sim. E depois, sabe, havia aquele maldito vento a soprar fortissimo contra nós, a não deixar que os «despachos» por nós tentados, ou os passes à frente, chegassem limpos ao seu destino.

— Contudo... serenei a pouco e pouco, e à medida que o tempo passava, ia-me convencendo de que «aquilo» era como se estivesse a jogar aqui no Campo Grande, com a camisola do Benfica.

— Assim mesmo, dissemos, foi substituído.

— Vislumbramos uma nuvem no olhar de Felix, e um tanto de amargura quando nos respondeu:

— É verdade que sim. Não a esperava, posso dizer-lho com franqueza, porque me sentia capaz de continuar a dar à equipa o melhor da minha colaboração. De resto,

no segundo tempo era natural que o meu rendimento subisse, porque deixava de ter o vento a contrariar-me.

— Que motivo se invocou para o seu afastamento? Falta de capacidade?

— Não senhor. O seleccionador disse-me, apenas, que queria dar ao Feliciano a oportunidade de jogar, e que por isso me ia substituir.

— Se se tivesse dado a inversa, o Felix alinharia?

— Garanto-lhe que não. Se fosse o meu colega a jogar no primeiro tempo, eu teria deixado de cumprir a ordem que o seleccionador me desse para o substituir.

— Não o fazia por indisciplina, mas porque o havia de convencer da injustiça da decisão. Far-lhe-ia ver que um defesa que luta todo um tempo contra o vento, e ao fim dele está fisicamente capaz de prosseguir a luta, em melhores condições de se aferrar, ainda, pois fica com todos os trunfos na mão, não deve ser creditado no seu posto.

— De resto — concluiu, ao cabo dos primeiros quarenta e cinco minutos eu sabia já como havia de dominar o fogueiro avançado-centro espanhol.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:

— Conta alinharr ainda nos dois jogos que faltam, para completar a época internacional?

— Já o seleccionador o sabe. Por mim, confesso que conto com isso. Ele, porém, tendo em vista os superiores interesses do desporto nacional, é que há-de decidir.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:

— Conta alinharr ainda nos dois jogos que faltam, para completar a época internacional?

— Já o seleccionador o sabe. Por mim, confesso que conto com isso. Ele, porém, tendo em vista os superiores interesses do desporto nacional, é que há-de decidir.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:

— Conta alinharr ainda nos dois jogos que faltam, para completar a época internacional?

— Já o seleccionador o sabe. Por mim, confesso que conto com isso. Ele, porém, tendo em vista os superiores interesses do desporto nacional, é que há-de decidir.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:

— Conta alinharr ainda nos dois jogos que faltam, para completar a época internacional?

— Já o seleccionador o sabe. Por mim, confesso que conto com isso. Ele, porém, tendo em vista os superiores interesses do desporto nacional, é que há-de decidir.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:

— Conta alinharr ainda nos dois jogos que faltam, para completar a época internacional?

— Já o seleccionador o sabe. Por mim, confesso que conto com isso. Ele, porém, tendo em vista os superiores interesses do desporto nacional, é que há-de decidir.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:

— Conta alinharr ainda nos dois jogos que faltam, para completar a época internacional?

— Já o seleccionador o sabe. Por mim, confesso que conto com isso. Ele, porém, tendo em vista os superiores interesses do desporto nacional, é que há-de decidir.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:

— Conta alinharr ainda nos dois jogos que faltam, para completar a época internacional?

— Já o seleccionador o sabe. Por mim, confesso que conto com isso. Ele, porém, tendo em vista os superiores interesses do desporto nacional, é que há-de decidir.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:

— Conta alinharr ainda nos dois jogos que faltam, para completar a época internacional?

— Já o seleccionador o sabe. Por mim, confesso que conto com isso. Ele, porém, tendo em vista os superiores interesses do desporto nacional, é que há-de decidir.

— E talvez não tivesse surgido o tento deles, atalhámos.

Felix não quis confirmar ou desmentir a nossa opinião, e compreendemos a sua atitude. Não insistimos, por isso.

Aproximava-se a hora do nosso companheiro de conversa amena recolher aos vestiários para se equipar. Despedimo-nos, portanto, com uma pergunta mais sóbria:



BENFICA
bom
vencedor
do ELVAS

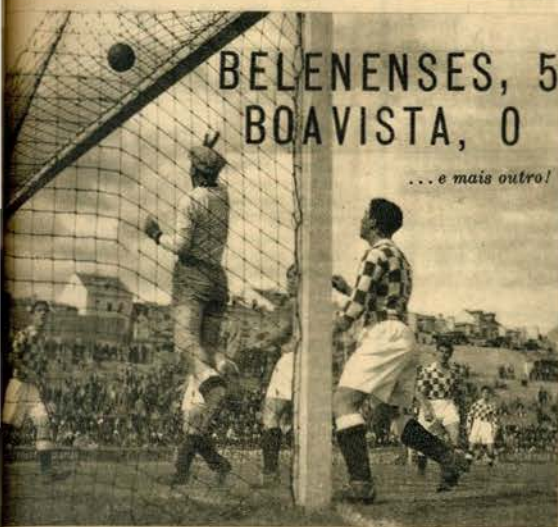
Os encarnados empregam-se a fundo. Arsénio, marca, evitando Calejas; ao lado, defesa do guarda-redes elvensse; em baixo — Arsénio marca o melhor golo da tarde!



Principiou o Ciclismo!

O Benfica foi o grande vencedor do primeiro dia. Em cima, os seus independentes, que correram sem adversário; à esquerda, os amadores séniores e à direita, os amadores júniores

Um tento belenense ...

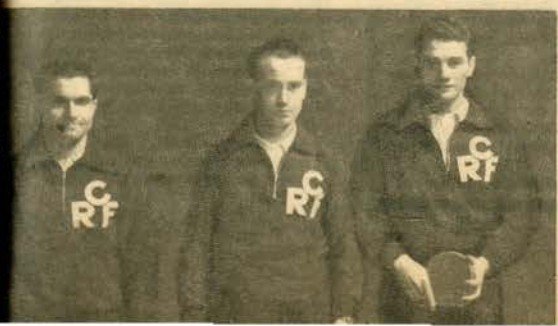


**BELENENSES, 5
BOAVISTA, 0**

... e mais outro!



Boa defesa aos
pés de Sidónio



A NOSSA EQUIPA "B" gostaria de jogar em Portugal... na opinião de Manuel Marques



Não surpreendeu a nossa derrota. Talvez não esteja ainda bem preparado o futebol português para apresentar no mesmo dia duas seleções, e era fora de dúvida que a maioria esperava ver cair no Estádio de Riazor o conjunto «bê», — por maior ou menor número de tentos. Claro que o coração português, dado às vezes ao optimismo, julgava pelo melhor. Aqui e além, no entanto, discutia-se a formação do grupo, e que algumas razões tinham os descontentes, demonstrou-se pelo desenrolar dos acontecimentos.

Mas se considerarmos devidamente o resultado e modo como foi obtido, chegaremos a concluir que não houve grande «aventura». No mesmo dia é que não se justificava um Portugal-Espanha em dois campos...

Surge ainda outro aspecto deste problema de formar equipas «bê»: — o de pouco se haver feito no sentido de as apresentar nos terrenos nacionais.

Os nossos conjuntos jogaram já em Marrocos, há muitos anos, em Bordeus e na Corunha. E numa altura em que se discute a falência deste ou daquele elemento com asinatura na A (segundo parece), talvez não fosse desagradável aos desportistas portugueses apreciar mais de perto os candidatos ao grupo de honra «internacional». Seria mesmo altura de se tirarem conclusões honestas, por parte da crítica e do público, — que também sabe fazer justiça aos rapazes com valor para subir.

Logo, em nosso entender, as «bê» podem contribuir para facilitar a formação das «A». Contra o mesmo país, no mesmo dia, como aconteceu recentemente, — discordamos. Uma desfalca a outra, pois talvez jogassem na Corunha homens com lugar no Vale do Jamor — e vice-versa. E Portugal, em relação à Espanha, por exemplo, deve considerar-se imediatamente em inferioridade, pois no país vizinho formam-se duas ou tres equipas para o mesmo dia sem grandes complicações.

Vejamos, todavia, o que pensa sobre o resultado do Riazor o capitão da equipa «bê», Manuel Marques. Das suas palavras infere-se que tivemos capacidade, atraída embora por uma arbitragem inferior, arbitragem que não pode considerar-se digna de um encontro de cunho «internacional».

(Continua na pág. 15)



O remate de Nunes encontrou o guarda-redes do Boavista bem colocado.

TENIS DE MESA entre portugueses e franceses



Esteve entre nós a equipa do Racing de França, que fez belas demonstrações de ténis de mesa perante o nosso público. Algumas fases: em cima, um aspecto do jogo Racing-Benfica;

em baixo, à esquerda, o grupo francês; ao meio, o Sporting; à direita, o Benfica.



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Os mais importantes resultados da semana foram os seguintes:

Em Paris, Jean Stock, titular da categoria de «médios» derrotou o campeão de Espanha, Soldevilla, por K O ao 8.º assalto. O vencido manifestara superioridade até que encaixou um golpe imprevisto mas decisivo.

Na mesma reunião, Lue Van Dam, científico detentor do título holandês da mencionada categoria, triunfou sobre Gilberto Stock, irmão de Jean, e o conhecido campeão de Espanha de «lévissimos», Luis Romero ganhou por pontos a Armando Deianna.

♦ Rafael da Silva, o nosso compatriota de Cabo Verde, cuja actividade nos ringues franceses e belgas tem sido relevante, conquistou um novo e significativo triunfo no torneio de «semi-médios» de Anvers. Oposto ao parisiense Piette conseguiu equilibrar-se com ele e no sétimo assalto o árbitro interveio para salvar o francês de um castigo desnecessário.

♦ Beltron, ex-campeão espanhol de «leves» participou num espectáculo realizado na Corunha e derrotou Abelsm, de Casablanca, por pontos. Participaram no festival, os pesos-pesados Acosta e Kin Kong, que empataram, após renhido combate.

♦ Em Amiens, Luis Skena, detentor do título de campeão de França da categoria «mínimos», foi derrotado por pontos, sendo o seu vencedor Honorato Pratisi, que assim lhe sucede na hegemonia.

♦ Nos Estados Unidos o «pesado» Lee Oms, agora na sexta vitória consecutiva desde que principiou a via sacra da recuperação, derrotou o campeão de Cuba, de pesados, Omelio Agramonte, por pontos, em 10 assaltos. Oms, colhido de surpresa no primeiro round, foi a terra mas ergueu-se cheio de combatividade e triunfo.

♦ Também na América, Tommy Yarosz, semi-pesado ganhou a Chick Hunter, por decisão pontual (Cleveland); Tami Mauriello adormeceu Willie Brown, ao 9.º assalto, em Trenton, e Jimmy Sanders, semi-médio bateu Jim Cone, por pontos.

♦ O francês Jean Walzack estreou-se no país do dólar. Oposto ao italo-americano Morganti conquistou a decisão pontual por grande margem. Por último notícias da Austrália dão como livre de perigo o infeliz campeão de França, Pierre Montané, que entrara no hospital de Sydney em estado de coma.

NOTA DA SEMANA

O entusiasmo erguido à volta do desafio de futebol entre portugueses e espanhóis, concentrando no Estádio Nacional milhares de forasteiros trazidos de todos os pontos do país, pareceu a muita gente senata — gente ponderada mas incapaz da menor onda de alegria por temor do ridículo — um exagero inqualificável e desordenado.

Não queremos deixar esses desmancha-prazeres convencidos da inteireza das suas razões. E, muito menos, de que os entusiasmos referidos sejam índice de mentalidade pobre, como declaram com muita soberberia à mistura.

Portanto, passaremos a descrever o ambiente fantástico que rodeou o último desafio de rugby entre os grupos representativos da Irlanda e do País de Gales, jogado no clássico terreno de Swansea, como exemplo flagrante do contrário que a gente ponderada e injustificadamente supõe.

Um homem de letras, francês, fez a seguinte declaração: «Renuncio a relatar o cenário do match Gales-Irlanda porque vai além da imaginação do leitor.»

Isto reflete o desvario, a turbulência e o dinamismo dos sentimentos da plebe galense ante o embate desportivo tão ansiosamente aguardado. A atmosfera encontrava-se ao rubro. Eram onze horas da manhã, os forasteiros chegados da Irlanda para incitar os seus compatriotas, organizados em coluna e levando cega regas, timbales, bem como outros instrumentos ruidosos, invadiram High Street, a principal rua de Swansea, bloqueando o trânsito.

A polícia, impotente para agir por meios pacíficos, cruzou os braços e esperou, até que os manifestantes dispersaram. As duas horas da tarde, quarenta mil galenses com bonés vermelhos desfilarão em direcção ao estádio, levando na frente uma cobra de pelo branco — mascote nacional — conduzida por um indivíduo coberto com pelo de leopardo. Durante uma hora ouviram-se cânticos nacionais, entoada em cântico, que se transformaram num formidável brado de protesto quando o árbitro, Tom Pearce, fez valer a sua autoridade e puniu o quinze de Gales com um castigo.

Depois da vitória dos irlandeses, o terreno foi invadido. Os seus compatriotas rodearam-nos, conduziram-nos em triunfo e durante meia hora impediram que entrassem no vestiário. O herói da tarde, Mac Carthy, foi completamente despido no terreno, rasgaram-lhe o traje, com avidez, para guardar pedaços de tecido como recordação, e só nente depois de serenada a febre, as coisas retomaram o seu curso normal.

Isto, que acabamos de citar em breves linhas, aconteceu na semana passada. Ponham nestes pormenores verídicos um pouco da nossa atenção, senhores do bom senso, e reconheçam que o entusiasmo pelo desafio Portugal-Espanha nada teve de exagerado.

Os povos orientais, particularmente os hindustânicos, praticam há setenta séculos uma ginástica «filosófica», de rejuvenescimento, que denomina-se o yoga. Este curioso método de fortalecer o organismo pretende garantir, aos que o adoptarem, cem anos de vida quase feliz ou, ao menos, de plena juventude. O meio de que se serve e com o qual opera verdadeiros milagres — à escala humana, evidentemente — é a neutralização da fadiga pela contração muscular e muitas pessoas conseguem dormir apenas seis horas, que lhes basta para recuperar por inteiro a energia dispendida na véspera.

As posturas do corpo, ou asanas, constituem a base de toda a educação do esqueleto, dos músculos e órgãos, dando a primazia à coluna vertebral, verdadeira central eléctrica do nosso sistema nervoso. Convencionalmente, os yoguistas creem na existência dum fluido mágico, trazido pelo ar — o prana — que influi de maneira de isiva na vida dos tecidos. Em resumo, o yoga pretende actuar sobre as fontes misteriosas e invisíveis da natureza humana, ao contrário das ginásticas ocidentais.

Por muito que nos alicemos da sabedoria do Oriente é ingenuidade a superioridade dos hindustânicos no campo espiritual e psíquico, comparada com os conhecimentos do Ocidente. Eis, porque, sem tomar partido contra ou a favor das ideias yoguistas, registamos o irreversível tributo da sua respeitável concepção.

Rafael Barradas

HIPISMO

A corrida de cavalos Lincolnshire Handicap, a primeira prova da temporada em terreno sem obstáculos, produziu uma retumbante surpresa. Os cavalos «Goldborough» e «Minster» Lovell, que partiam favoritos, foram dominados por um rival esquecido, «Fair Judgement», causando aos corretores de apostas um prejuízo superior a 250.000 libras.

Cinquenta mil pessoas preveniam o espectáculo e o prémio do cavalo vencedor foi de 2.986 libras.

ATLETISMO

No decorrer dos campeonatos universitários madrídicos, o conhecido atleta J. L. Torres melhorou o recorde espanhol do lançamento de disco, atirando o engenho a 44,8845.

O mesmo desportista ganhou o peso, com 13,53. Outra figura destacada do torneio foi J. B. Alarraga, vencedor da prova de 400 metros barreiras, em 56,5 s.; do salto à vara, com 3,15 e segundo do disco, com 39,80.

A equipa Segredo, Antolin, Cobos e Herédia, estabeleceu o recorde castelhano de 4 por 100 metros, no tempo de 43,8 s.

RUGBY

A equipa de Inglaterra conquistou a Calcuttá Cup, no terreno de Twickenham, batendo a equipa da Escócia por 19 pontos a 3.

Os escoceses podem atribuir o mau resultado do encontro à inclusão de Jackson, que ainda mal refeito de um joelho lesionado sucumbiu após 20 minutos e foi um elemento inactivo.

A Irlanda segue na frente da classificação (6 pts.), levando na cola a Inglaterra (4 pts.), a Escócia (4 pts.), a Gales e a França (2 pts.) com um desafio a menos.

TENIS

O torneio internacional organizado em Alexandria findou com a vitória dos jogadores norte-americanos Budge Patty derrotou Pedro Massip por 4-6, 6-2, 6-2 e Frank Parker venceu o Barão de Von Gramm, por 6-4 e 6-0.

Em pare, o grupo Parker-Patty ganhou ao conjunto Massip Cochet, por 6-4 e 7-5.

♦ Jean Borotra, apesar dos seus cinquenta anos, inscreveu-se nos campeonatos dos Estados Unidos de pista-coberta, no intuito de conquistar o título pela quinta vez. No primeiro encontro saiu-se airoso, eliminando Don Wheaton, de Nova-York, por 6-1 e 6-2.

♦ Kramer, Pails, Segura e Riggs encontram-se em Londres, a participar no torneio de Wimbledon.

A nossa equipa «Bê»

gostaria de jogar em Portugal...

na opinião de Manuel Marques

(Continuação da página 13)

Meditando sobre as afirmações de Manuel Marques, encontramos argumentos que defendem o ponto de vista exposto perante os olhos do leitor: — ideia firme de podermos tentar encontros «bê», que talvez não nos deixem ficar muito mal se tudo for bem organizado; afirmação clara de que devemos apresentar os candidatos perante o nosso público, que talvez fique a conhecer um pouco melhor os seus méritos, ganhando ânimo para competições de maior respeito.

— Não será assim?

— Pois com certeza — confirmou o capitão do conjunto nacional, ao regressar da Corunha. Eu vi no Estádio do Riazor que se não fossem os efeitos da péssima arbitragem, teríamos obtido um resultado mais favorável. Não digo que tivéssemos ganho o jogo. Mas por 5 2 não perdíamos!

— Suponha que o desafio se efectuava no Estádio Nacional?

— Então, ainda o caso mudava de figura, acredite. Primeiro: — o árbitro não teria coragem de nos prejudicar daquela maneira. Depois, seria certo que os rapazes actuavam entusiasmados pela presença de muitos adeptos. Gostaria de ver desde que...

— O quê?

— A nossa equipa «bê» estivesse forma a como esteve na Corunha, durante a segunda parte.

— Pareceu-lhe bem?

— Nós, jogadores, não temos que dar opiniões arrojadas sobre um grupo seleccionado por quem de direito. Mas no segundo tempo, depois que Augusto Silva deu novo arranjo ao conjunto, as dificuldades encontradas pelos espanhóis foram outras. Fizemos um gol e sofremos outro, este de grande penalidade inexistente e ainda por cima «escandalosamente» repetida.

— Como capitão, que interferência teve no «caso» Capela?

— A que as circunstâncias aconse-

lhavam. Reclamei ordeiramente junto do árbitro, fazendo-lhe ver que havia errado. A grande penalidade principiou por não existir. Mas quando vi os meus esforços vencidos, ajudei os nossos dirigentes a acalmar Capela. O meu camarada de equipa estava muito nervoso, e a melhor solução foi de facto aquela que o nosso treinador tomou.

— Sebastião cumpriu na baliza?

— Mas muitíssimo bem, embora pouco apertado.

— Gostava de encontrar a equipa «bê» de Espanha no Estádio Nacional?

— Sem dúvida alguma. O grupo nosso adversário era muito bom. Curta, Igoa, Pahino, Bazan, Montoria e outros deixaram-me a melhor das impressões, mas não deveríamos perder nos nossos campos.

— Que impressão lhe deixaram os seus camaradas de equipa?

Manuel Marques fez uma pausa. Via-se que não queria ser injusto ou arrojado. Insistimos, porém, e sempre se pronunciou:

— Alberto, Alfredo, Serafim e Bentes. O gol de Caiado foi lindíssimo e todos procuraram, entretanto, cumprir o melhor possível...

— Menos o árbitro...

— Nem me fale! Ele também deve ter compreendido que se tornou impopular para os portugueses...

Mais nada tínhamos que perguntar ao capitão da equipa enviado à Corunha. As suas impressões ligeiras aqui ficam para confirmar que poderemos formar grupos «secundários», mas com todo o cuidado e inteligência, escolhendo sobretudo datas próprias e também um ambiente que nem sempre lhe seja molesto.

Até agora, os «bê» não podem prestar provas em Portugal. Pois tentemos alguma coisa nesse sentido. Talvez o nosso público veja com simpatia essa «novidade»...

Rodrigues Telles

Ultimas apreciações

DE tão ansiosamente esperado que foi, o encontro ibérico de futebol deixou em toda a gente a mais funda desilusão. Nem se jogou bem, nem se jogou bonito; faltou a técnica das equipas, esteve ausente em alguns dos componentes da equipa visitante o tradicional cavalheirismo espanhol.

O acontecimento tem sido por demais apreciado, para que sobre ele nos alarguemos, mas cabe ainda um comentário focando com clareza o que apenas tem sido indizado.

Não podemos supor que a rudeza posta em prática por certos elementos adversários tenha sido apenas consequência do seu excessivo impulsivismo ou ocasional perda de domínio próprio; é indubitável que se tratava de plano preconcebido, processo de importância aconselhado pelo orientador responsável e rigorosamente seguido pela defesa espanhola, com realce para Riera e Aparício.

Não venham agora os cronistas do país vizinho queixar-se, em suas crónicas, da dureza dos jogadores portugueses, que a tática não colhe resultado, embora de influência segura na opinião pública de lá.

Os encontros internacionais de futebol devem ser manifestações de fraternidade, de desportivismo e de correcção; nada têm de comum com uma partida de campeonato, daquelas decisivas, onde tudo tem lugar, menos perder.

Foi, no entanto, com este espírito que os espanhóis vieram ao J. mor; afigura-se-nos que lhes foi prejudicial.

Quem assistiu ao encontro com isenção de julgamento, deve haver concluído que as duas equipas se equivaleram no conjunto, mas que, individualmente, cada jogador espanhol demonstrou superioridade em execução e técnica. Isto quer dizer que assimilamos e sabemos aplicar as modernas concepções de jogo, mas os nossos praticantes não atingiram ainda a forma indispensável ao integral aproveitamento da sua classe.

A apreçoada realidade do futebol português é apenas relativa; nas medidas actuais, não poderá ser de outra maneira.

Cremos, até, que nunca poderá deixar de ser assim, sejam quais forem as condições — similitudão amadorismo ou profissionalismo de larado — enquanto não for permitido antecipar a idade da iniciação desportiva, em plano de cultura generalizada antes do começo da especialização.

Somos o país do Mundo onde mais alto é o limite inferior da idade para a prática dos desportos. Pelo exemplo que nos vem do estrangeiro, não parece que estejamos na verdade.

S. C.

ATLETISMO

ALVARO CONDE

bateu o recorde da hora

NA pista do Sporting realizou-se uma tentativa contra o recorde da hora, da qual participaram os seus atletas Alvaro Conde e Filipe Luis.

O recorde pertencia ao corredor português José António Bento, do Académico F. C., com 16.035,⁷⁵⁰ e foi folgadoamente batido por ambos os candidatos: Alvaro Conde, 17.055,³³⁵ e Filipe Luis, 17.010,⁷⁶⁰.

Os corredores leoninos, que se apresentaram sem tabela de marcha previamente estabelecida, fizeram as primeiras sete voltas em andamento relativamente rápido (média de 1 m. 18 s.), sendo depois em ritmo mais moderado, entre 1 m. 25 s. e 1 m. 29 s. por cada volta de 398 metros. Depois de completada a 40.^a volta, Alvaro Conde arrancou e descolou o companheiro, comandando as últimas três voltas e meia, na média de 1 m. 14 s.

Os tempos registados a cada quilómetro foram os seguintes: 1.000 metros em 3 m. 10 s.; 2.000 metros em 6 m. 29 s.; 3.000 metros em 9 m. 50 s.; 4.000 metros em 13 m. 24 s.; a légua em 16 m. 53 s.; 6.000 metros em 20 m. 26 s.; 7.000 metros em 23 m. 55 s.; 8.000 metros em 27 m. 31 s.; na meia hora, 8.694 metros; 9.000 metros em 30 m. 52 s.; duas léguas em 34 m. 40 s.; 11.000 metros em 38 m. 11 s.; 12.000 metros em

41 m. 46 s.; 13.000 metros em 45 m. 27 s.; 14.000 metros em 49 m. 7 s.; 15.000 metros em 52 m. 44 s.; 16.000 metros em 56 m. 26 s.; 17.000 metros em 59 m. 30 s.

Os mais rápidos quilómetros foram, portanto, o 17.^o em 3 m. 4 s. e o 1.^o em 3 m. 10 s.; os mais lentos, o 10.^o em 3 m. 48 s. e o 16.^o em 3 m. 42 s.

De lamentar, a ausência imprevista e inexplicável de Afonso Marques, que era o concorrente com maiores possibilidades entre os sportlogistas e a de Manuel Gonçalves, justificada pela necessidade de se reservar para a Maratona de domingo próximo.

Cremos que, posto de novo em competição entre todos estes corredores, o recorde subirá para cerca dos dezito quilómetros.

Para Alvaro Conde a distância e o tempo são ainda demasiado largos, mas a sua classe ficou suficientemente afirmada em condições pouco favoráveis.

O novo recordista tem, aliás, uma maneira original de se preparar para as suas provas de fundo; quando chegamos ao Estádio do Lomiar, dez minutos antes do início da prova da hora, Alvaro Conde «aquecia» num concurso de saltos em altura...

Salazar Correia

ARCADIA

O DANCING N.º 1
= DA CAPITAL =

Apresenta o mais categorizado conjunto coreográfico espanhol

Ballet Sacha Goudine

A ANIMADA ORQUESTRA FEMININA
THE MELODY-STAR'S

A estrela do baile espanhol **ELENITA ESPEJO**

ROSITA MONTAÑA, Mercedes Romero, Carmelita de Córdoba, Mary-Mely, Ma-Li-Teng, Darley Soer, Mabel Valência

e a dinâmica ORQUESTRA **ARCADIA** com a vocalista norte-americana **DAINA**

Abertura às 22 — Variedades às 0,15 e 2,15 horas

SETUBAL defende-se...



Em cima: — ataque enérgico dos setubalenses. A seguir — uma defesa do guarda-redes vitoriano

CICLISMO NO PORTO



O F. C. Porto, na segunda prova do Norte, classificou-se nos 3 primeiros lugares: Fernando Moreira, Dias Santos e Moreira de Sá



PORTO, 3 - ATLÉTICO, 0



Diógenes não consegue bater Correia desta vez

SPORTING contra SPORTING



Uma defesa difícil de António José

Em COIMBRA



Capela, saindo a tempo, evita o remate minhoto



Barrigana defende com segurança



Os covilhanenses apertam, defendendo-se do Sporting lisboeta



Dores pára a bola facilmente

ACTIVIDADES DA F. N. A. T.

Duas fases da acção desportiva da F. N. A. T. — à esquerda, um adepto da luta de tracção à corda, entre a Fábrica de Sacavém e C. T. T., com vitória dos primeiros; à direita, a equipa de ténis de mesa do Conselho Técnico Corportivo, vencedora da 2.ª categoria, série A. Da esquerda — Martins, Fernando Carvalho e Fernando Fernandes

